



BOCAGE

13 DE SETEMBRO

Depara-se nos uma data memorável, duplamente memorável e gloriosa para Setúbal.

Foi n'essa data, há 130 annos, que nasceu n'esta cidade o mais popular e mais harmonioso poeta do seu século, Manuel Maria Barbosa du Bocage.

O seu elogio está feito por auctoridades da mais elevada conceição, sem que tenha ou possa ter contestação, senão por tanto supérfluo repetição. Lembra-nos porém dos alguns nomes das honrarias prestadas a memoria do immortal sonetista, das que a historia deve fazer registo.

Celebrando pois o anniversario do grande Elmano, recorda-se naturalmente a dia 13 de setembro de 1805.

Foi altamente significativo a reunião que n'esse dia teve lugar na capital do Brazil, em honra do famoso lyrico portuguez.

A ella se refere em traços brilhantes o erudito escriptor José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, dizendo:

«Fazia um feliz anno que a 13 de setembro de 1805 fôz o anniversario annua do Bocage, nascido no igual dia, em 1769. E por quanto em paizes adelantados tem estado em nobre uso celebrar o jubileo de homens grandes, como succedeo na Alemanha, no dia dos 100 annos do Solís, em 1809, na Inglaterra no dia dos 300 annos de Shakespeare, em 1864, na Italia no igual anno e no dia dos 600 annos do Dante etc., julguei que em tão illustre cidade como esta, seria bem avente a idea de celebrarmos o jubileo do grão fidalgão do idioma, do príncipe do improviso, do Anacronismo da lyrica, do Petrarcha do século, do Ronsard do século, do Ronsard da metaphysica portugueza.

Está na memoria de todos a esplendor da solemnidade d'essa epocha, e a gloria que lhe apparece por onde se desenvolveram em todas as folhas do Rio de Janeiro, e nas archivas de Portugal. Se no império se celebrava o jubileo de Bocage, a alma do Bocage, do aceduto do affecto dos seus, não ao ver uma imagem collocada sob um dossel, laureada, circumdada de flores, fôrta decorada, decorada, lúxus, lyra, immobillidade do corpo, finalmente alar lythurgico da religião poética — mas de admirar que 200 cavalheiros se congregassem para venerar um homem morto antes do qual todos elles foram nascidos, e em homenagem a memoria e publicação em proclamar nos fôzelo digno do propósito respeito da posteridade. Ali o mais popular dos nossos escriptores teve a mais popular das circumstancias.

Foi d'essa reunião que resultou a iniciativa dos meios precisos para se realisar o monumento dedicado a Bocage n'essa cidade, sua terra natal.

Desta contrariiedade cortaram as diligencias postas em pratica para fim tão justo e tão sympathico e a cuja realisação se votaram com desvelado empenho, como illustres promotores, o doutor escriptor e que já nos referimos e seu irmão o melancólico poeta e romancista escripta Visconde de Castilho.

O monumento porém ergue-se e a estatua de Bocage lá está encimando a bella columna corinthia em cuja base se esculpiram magníficas versos do poeta que a mesma estatua representa.

São um primeiro de direito as curas em que o Visconde de Castilho se dirige a municipalidade de Setúbal, a propósito do monumento de que estamos falando e de factos com elle relacionados.

Iniciando os setubalenses a comemorarem festivamente o anniversario de Bocage, diz-lhes:

«A. Tu que não vales, nem mais ainda hoje, a allua francesa de Salency, a que ha de valer, e a que já vale a vossa cidade de Setúbal — o mais popular e mais harmonioso poeta do seu século, Manuel Maria Barbosa du Bocage.

Medante, instituiu lá o logro de de ter pegado a festa annual da Bascoia, depois transplantada para tantas outras partes; e que, extirpada passageiramente pelo luflo revolucionario, tornou a peger, e ainda hoje se conserva. Que coisa fructuosa morosa, e em que largo campo não tem prodosido aquella coroa de espinha, transpida para a joia mais virtuosa pelo risante velho, postas a innocente Anacronismo do carilado! Tentas vês também, e já podes ver que Bata vos abençoará e tentativa, e que algum dia ainda, em compensação d'esses esforços, vos permitirá levantar em face o monumento de Bocage, outro da civilisação, a cultura, o ayle, como era e em os cabanos.

A ultima referencia recordava a forma diversa e o fim de maior lantade com que alguém tinha projectado o monumento em honra de Bocage.

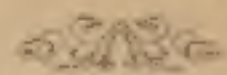
A idea era a de um edificio amplo, de perspectiva nobre e acurada estrutura artistica, com a fachada rematada pela estatua ou busto do poeta, sobtopondo-se-lhe a legenda monumental em bronze.

Dentro devia haver uma escola ayle e para que o monumento em tudo memorasse o insigne poeta, fallando principalmente ao espirito e tornando cada um dos esculptores um monumento vivo para a tradição oral e para a memoria escripta, os livros a adoptar ali nos esculptores de laures deveriam dividir-se em duas classes: as do periodo rudimentar poderiam conter os apólogos e outras composições de assumptos mais accedíveis a comprehensão infantil; as do segundo periodo os sonetos morais e religiosos, que se encontram nas obras de Bocage, bellas e edificantes, como não ha melhores.

Este plano aceitavel pelas razões de utilidade immediata em que assentava, e por que trazia, e mais ver, uma mais larga intuição em honra do poeta, era concorde com o pensamento justamente preconizado e admiravelmente exposto por Castilho, quando, ao pretear a perda de um grave pensador, que antepunha a frequencia das diversões taumanticas e das aventuras real penadas, os cuidados do seu officio de rei, dizia:

«Se a meter um pedrinho a quem não tem nada, não se tempe d'isso a escola. No entanto se a meter a no frontão do edificio: A Pórtia, o Pórtia portuguez e os outros no pedrinho.

Os subscritores do Brazil não haviam sido prevenidos d'aquelle ayle e prevalecem por isso, em justa deferencia para com elles, a idea do monumento que ali vemos, não tão feruido e lantado, como poderia ser aquelle outro, mas que symboliza condignamente um elevado preito ao exmo poeta e honra os cidadãos portuguezes e brazilenses que por modo generoso correspondieram ao appello feito pelos illustres escriptores que já mencionamos, erodora também da veneração publica.


A ROCAGE
Visconde Feliciano de Castilho Barreto e Noronha
Bocage

Eu te venero como o meu Deus sagrado, Famoso Elmano, do mal canido! Ten estro puro, como o meu anjo, Bem cado foi das minhas fôrças!

Os versos teus d'estyle aprimorado, Fazem lembrar-me a luf d'un phénix, Onde o exorço da luf, vida e culor, Me deixa por momentos delirando!

Por isso me sonhantes, me confando, Não tendo para versos nenhum gozo, Ao q'or cantar nos prais do fôrço!

E estes linhas que trazo a teu respeito, De pedra exstora estajas vendo o mundo, Te acordará a rima — a que é bem feita.

J. M. da Silva.

UM SONETO DE BOCAGE

O elevado conceito que, a luz da propria consciencia, Bocage fazia dos seus dotes poéticos, conceito que não occultava, deu motivo a que a critica reflectida ou o sympoz magerado pela modestia, embora artíficia, o fizessem julgar excessivamente orgulhoso e incapaz de prestar homenagem ao sympoz alheio; prova-se porém o contrario no seguinte soneto, louvando alguns poetas seus contemporaneos:

Espectador Garção tu me arrolas
Audaz vibrando o phénix românico,
Seeste Albano, d'alando Alvaro,
Mansa do termo Amor, vós me não gratais.

Adoro almas prodigiosas, que velas
Cantor da Gloria, majestoso Elphido,
Tu, que agitado do impeto divino
Acceitas turbilhões na voz desatan.

Oh! sympoz imitantes do Tejo ameno!
A narracão luvra em mim não cria
Viboras preñes de infernal veneno!

O clarello, que separei me amendo e gaito
Culto, lacrima vós do quando candeano
Delirios que Beldoso ao peito envia.

UM ALVITRE

A homenagem prestada pelo Elmano, ao poeta Manuel Maria de Barbosa du Bocage, na data do seu anniversario natalicio, não pôde eu deixar d'associar-me como setubalense, indo bastante de meo reconhecimento pela comemoração feita a um velho notavel do qual sou parente ainda que humilde.

Estes preciosos são justos e d'incentivo, bem mostram que
O sabio não rae de todo a sepultura.

Setúbal nobiliza-se recordando os seus filhos prestimozos. Preciso se torna que os seus filhos de hoje procurem obter as benções da mãe patria.

Não tem decorado esta municipalidade de perpetuar o nome de nobilidades illustres: já também Lúcia Todt não é desconhecida na terra que a viu nascer.

Nesta homenagem ao poeta Bocage tem cobimento o apreço d'uma ideia cuja realisação me parece de todo o ponto justissima.

Em todos os families existe um filho que mais se abeira da mãe, não que esta Dennis do amor, toda grã de Thamar Ribeiro, devesse d'abrigar a todos os seus fillos protectura, mas um parente para longe, outro, fôrmente pouco, enstam a lar e, por via de regra, fica sempre um poço não torna vazio d'affecto o sanctuário da mais sincera adoração.

O meu distincto amigo Manuel Maria Portella é um d'estes fillos da casa dos.

Nos seus versos canta as bellas do seu tempo, os monumentos de all de vem-lhe a descripção minuciosa da sua historia e quasi todos esses logares encantadores e enteiros lhe temo navido palavras destracadas de verdadeira amor.

Na Memoria sobre a historia e ad ministration do Município de Setúbal escreve Alberto Pimentel: A camara municipal adquiriu, afim de tornar tão copiosa quanto possível esta Memoria, varios documentos e noticias desde longos annos recolhidos, com laudável patriotismo, por um escriptor tão modesto como consciencioso, e se Manuel Maria Portella.

A sua iniciativa se deve a lapida commemorativa na casa onde nasceu o poeta Bocage e de está lá a patria lica nasceu a do monumento poético, como refere Alberto Pimentel, Antonio Feliciano de Castilho, sabedor da collocação da lapida, pensou em posar ao canto do Sado mais grandiosa homenagem.

Apesar d'alguema opinião desfavoravel, foi levantado o monumento e Portella exclama satisfeito:

Comprino-se a predição. Não foi uma luz fatia que o vate alumina, algo-se enfim a estatua!

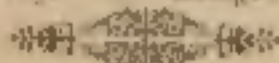
Pega-se o posto preito em honra do saber, extingue-se o luflo sangrado o que é dezer.

Trabalhar para o engrandecimento da sua patria, tornar conhecida a sua historia, procurar enstecer os seus valores mais notaveis ao é proprio de fillo affeccionado e digno.

A municipalidade de Setúbal, dando o nome de—Manuel Maria Portella— a rua onde reside o illustre poeta, mostrara Bem reconhecer os serviços desempenhados por este homem util a cidade e a historia das laranjeiras notivas, na phrasa elegante de Castilho, no qual segundo disse o mesmo prosador extimo, ha thesouro de jaspes e marmores resguardados para estatua de seus fillos.

Leonor—Setembro
de 1895

Bocage Lúcia



Casa onde nasceu BOCAGE

Sob este titulo diz «O Archeologo Portuguez»:

«O formosuro que visita Setúbal, e não é indifferente aos titulos litterarios que nobilitam esta cidade, procura sempre ver a casa em que nasceu Bocage.

Essa casa fica na rua de S. Domingos e está assigalada com uma lapida cuja inscriptão commemora o nascimento do magno poeta, encondido a 13 de Setembro de 1769.

Aquella lapida foi mandada collocar, não a expensas da municipalidade, como, por monozta Informacão ao Sr. Lúcia Portella, mas sim com a producto de uma subscripção promovida por Manuel Maria Portella, de Setúbal.

No verendo anno de 1895 foi alterada a frontaria d'essa casa que devamos considerar adileto historico, e cuja forma architectonica importa por isso conservar.

Agora ficou alla differendo da que tem sido representada por meio de gravura em varias publicações da Portugal o Brasil.

Lastimamos que as devesse tal facto, e que a veneração da municipalidade setubalense, a qual foi offerecida a dita casa por um estrangeiro honerario, o Sr. Visconde de Barbasol, não obstasse a isso, e antes emstiasse.

Tambem lastimamos se alterasse, ainda que em parte, a fachada d'essa casa, a qual perdeu assim a feição por que antes foi considerada como um monumento, em caso de ser essa a perspectiva que tinha quando se deu o successo que recominhando aquelle edificio a attenção publica.

O facto porém está consumado,—depois é verdade desfavoravelmente com relação a quem tem a responsabilidade d'ello; mas peor seria se houvessem destruido a casa ou a tivessem applicado a algum repugnante usito.

Não parece exagero de pessimismo o admitirmos a possibilidade de tais projectos.

Vergonha é dizer, mas é indispensavel que se diga, para abarmento dos vendedos e dos indifferentes pelas causas dignas de serem conservadas e memoradas,—no caso pois temo de doo casos numerosos e bem representativos no sentido de que vimos tratando.

Se nos fossemos os que colligamos millos de fazer uma longa lista.

Referirmos apenas uma, que se deu também em relação a uma casa, a qual considero pedrinho venerando, e é aquella em que nasceu o Sr. D. Manuel, na villa de Alentejo.

Não sabemos como ao presente está essa casa, temos porém noticia de que em tempo um escriptor verberara com tanta indignação que n'ella existisse uma tal casa, a qual indicativo d'isso se vem pontuando em uma de posteira a par do Brazil, das artes de Portugal.

Aquella casa, derivu a sua nobreza de um successo accidental, é certo; mas no principe que ali viu a luz a vez primeira, estão synthetizados, por assim dizer, os gloriosos factos que muito engrandeceram e nobilitaram a nossa patria, ampliando-lhe os dominios grandemente e impondo por ouzados feitos de não visto heroismo, os seus filhos a admiração e respeito de todas as nações do mundo.

15 DE SETEMBRO

Do meu Ex.^{to} Am.^o José
Vicente do Bocage Lima

Na faldra do monte
A vaga se espalha,
E moço desmolda
Sem furia o mar
E o sol no horizonte,
Dormindo na areia,
Em fogo incandêdo
O ethereo solar.

Cazinhas ao longe
Em traços de gala
No fundo de opala
Dos campos do azul;
A ermita do monge,
A tinea da encosta,
A's iras espôsa
Do vento do sul.

Os prados vicinos
E a relva virente
A luz da ponte
Roubando-lhe a cor;
Em fila, dengosos,
Bandeiras em arco,
Se alisam os barcos
Da praia em redor.

Castello em ruínas
No cume d'um cerro,
Em que homens de ferro
Se vão lutar,
Alegres campinas,
E montes e urzes,
E lútreas e cruzes,
E mar... e mais mar.

Repicam os sinos,
Estorram foguetes,
E mil guilhardetes
Fluctuam no ar;
E os sons campezinos
Da frauta e pandeiro
Um hum galhofeiro
Ao todo vem dar.

Que dia é pois este
De tanta alegria,
De tanta folia,
De tal festival,
Que a villa se veste
Com rixas brocadas,
Apenas unidos
Em gala real?

E que louco ante Elmano,
O filho dilecto,
Vem cheios d' affecto
O nobre e o plebeo
Prestar culto ufano
E preito devido
Ao poeta querido
Ao poeta só seu.

Setubal em gala,
Setubal ridente,
Setubal frenesim
Em todo o norte!
A morte me abala,
Mas petto commove
E o cetro me move
Comtigo a sentir.

Meu estro! que louca!
Estulta vesania,
Demencia, insanis,
Vaidade... que sei?
Valendo tão pouco,
Desculpa só vejo
Mostrar meu despo
No pouco que dei.

Teófilo.

LAPIDA

A lapida que assignala a casa em que nasceu o grande poeta Bocage, foi ali collocada solemnemente no dia 10 de abril do anno de 1884, com o producto d'uma subscripção promovida pelo redactor da «Voz do Progresso», e lida semanal que então se publicava em Setubal.

Contribuíram com seus donativos para esse fim: Joaquim José Barbosa do Bocage, João José Barbosa Monteiro, Ladislau José Monteiro de Baillouda, Theotônio Xavier d'Oliveira Banha, parentes do poeta, Antonio José de Mesquita, Henrique Carlos Junqueiro, Antonio José Pacheco, Manoel Maria Portella, José Augusto Rocha, Henrique Augusto da Cunha Soares Freire, José Antonio Pinto, João da Nascença e Oliveira e Francisco Maria Albino.

IRMÃOS DE BOCAGE, QUE LHE SOBREVIVERAM

O de Gil Francisco Barbosa do Bocage ainda vive n'esta cidade no anno de 1883.

D. Maria Francisca Barbosa do Bocage, irmã querida do poeta, e que o acompanhou até aos ultimos momentos da vida, falleceu, não em Lisboa, como por mal informado escreveu Rebello da Silva, no magnifico estudo biographico que fez de Elmano Sadino, mas sim em Setubal a 12 de maio de 1884, como consta do livro 8.^o dos livros da parochia de S. Sebastião.

As informações dadas por estes dois irmãos do poeta confirmaram, de modo incontestavel, a tradição de que elle nasceu na casa designada com o numero respectivo na rua de S. Domingos.

SALVÊ...

Bocage, admiravel professor d'Ovella, portentoza poeta, sublime repenteiro, mestre dos sonettos venturosos!

O teu nascimento que hoje celebramos todos, é um facto de alta significação na historia da humanidade e do nosso Portugal a quem fôrte dedicado e te deve serviços.

Ha quem te insulte, quem te julgue libertino; mas em consciencia, tu não o fôrste!

A sociedade deu-te a conhecer a que deo horrendo da sua corrupção e tu depois tiraste-lhe a mascara; em tudo.

Bem hajam. Preciso: o mestre d'arte.

O que dirias tu agora se a corrupção fosse como ella está, muito mais hypocritamente corrupta!

Qu te fôrste como ella, ou mais precocemente deitadas de vicio?

Fôrste fôrte em viver em tal epocha! Pobre vata só n'uma eterna felicidade.

Julio Augusto d'Oliveira.

O QUE DISSERAM

ELMANO

Se fôrste de Lisboa, de Teo e de Mito, lha ha de fôrste de Setubal, d'Elmano e de Mito.

João Agostinho Macedo.

Dos sonetos ha grande copia que não tem igual, nem em portuguez, nem em lingua nenhuma, d'uma lingua, d'uma valencia, d'uma perfeição ideal.

Almeida Garrett.

A missa não convém de tanto a lra de Elmano. Principe da arte classica, precursor, para nós, da poesia da lra que antecede em alguns seculos a

em rasgos de docuras e de creencias, Bocage levou consigo o segredo da harmonia da grandez epica.

Rebello da Silva

O idioma de Camões subiu nas mãos de Bocage a tal grandez e magestade, que nunca houve segunda typo que se lha equiparasse. Sem esmerado gosto o fez fazer uma tentativa de rascão contra o cançado e trancado estylo bucolico. Conco e elen, metaphorico mas natural, hyperbole mas verdadeiro, as oras da sua imaginação levantaram o seu oitavo a esphera onde renavia.

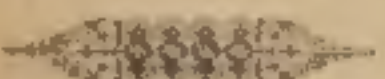
Barro Noronha.

Depois de Camões, Bocage foi o nosso primeiro poeta popular.

Antonio Feliciano de Castilho.

O arder da pensamentos communicava-se-lhe ao verso, que ninguém fez mais sonoro, a phrasa, que ninguém teve mais portuguez e mais nobre. Nascido trinta annos depois, Bocage seria o primeiro poeta da Península...

Pinheiro Chagas.



GRANDE MARCHA

Elmano Sadino

Do distincto maestro e nosso amigo Camacho, habilissimo regente da banda de caçadores 1, recebemos a seguinte carta, que publicamos com o maior prazer.

Meus caros amigos

Desajando quanto as minhas forças me associar-me á homenagem que intendem prestar ao illustre poeta Manoel Maria Barbosa do Bocage, analizo de vossa vossa grande marcha triumphal que de depois ao sublime cantor andino, a que, verdade com o seu nome glorioso, será exultante pela banda que dirige, no prado da 15 de corrente, no jardim do Bonfim.

Pedindo-lhes que queiram juntar ao vosso este meu singello preito á memoria do nosso illustre dos setubalenses, confesso.

Todo vosso

Camacho Junior.

Epigrammas de Bocage

Homens de genio impaciente
Tendo uma dor infernal
Pedra para matar-se
Um veneno, ou um punhal.

«Não ha (he disse um vizinho
Velho, que pensava bem)
Não ha punhal nem veneno,
Mas o medico ali vem»

A morte tem dia impoço-se
D'um nome que se aborrece,
Quil o assassino alioce-lhe
E calou-se em medecina.

Rachochado franciscano
Desentolava um sereno
E definhava, por acaso
Lhe fôrste um beberia.

Tanto dos bons celestes
Protegeo «Ovimes meos,
Que dize, que immensa gloria
Para os justos guarda Deus!

Falava, momentaneo gongol
Ha, a um stando resganhado;
Mas não (he bem sem como
Fôrste a verdade «El vicio»

Uma resposta de Bocage

O poeta Fr. José Burelho Torrenço, intimo assign de Bocage, quando este, enfermava da doença que a deviu levar á sepultura, dirigiu-lhe o seguinte soneto em que alimentava fallazes esperanças de melhoras:

Se a morte adiga de Bocage o canto
Se as forças promptas do immortal não desçam
Se os seus a luz da dor não se enternecem,
Pensas, o Lyrio, tem melhor encanto.

Ahi vê que um este amor merece tanto
Como os heros que os seus annos vivem!
Parece-vos os supplexos não cessam
Impede o luto emfim, a angustia, o pranto.

Em vós Lyrio nos pés do altar sagrado,
O habito de um Deus arco e respirar,
Bocage a morte, á campu está salvado.

Parabéns, Portugal, mundo! Ho dizeo
Bos delos: nos deus está mandado
Que de Ulyssea o sol não fôrste o gyro.

A que Bocage respondeu pelos mesmos versos:

De Elmano, antes da morte, e morto o canto.
Do Ponto inspirações ja lhe não desçam,
Mas mais nos que em seus muros se conservam
O que cantamos a dor, porque encanto.

Ahi dizeo o que deve a patria tanto,
Lento o que aitta musas embrosem;
Fôrste que almas opprimidas não cessam
De alar-lhe nos e ois a lra ao pranto!

Do morto, em que fôrste o gar sagrado,
Um Deus que respira, ja não desçam,
Um Deus, por quem do nada estou salvado!

Nos versos, que te deu, talvez d'isso,
Da morte nos muros fôrste ja mandado,
E nos versos sempre nos da lra o gyro.

Um soneto de Santos e Silva

Thomaz Antonio dos Santos e Silva, outro nosso distincto conterraneo, era particular amigo de Bocage. Já velho e cego conseguiu-lhe este soneto.

De avizões, digas vates copia ingento
Que dizeo do delphico standarto
Bates, do luto impio alioce a parte
Marchar-se via, com Bocage a fronte.

Quão he o luto heros do luto ardente,
Insigos capões do peso e arto,
E na bagagem tua, qual velho Marte,
O cetro, o estropiado, o já herosito.

Em que de repentina, atroz quiza
Fôrste o chelo, asperimmo quibranco
As mãos lra tolha, a sacra lra lra tolha.

Pálida a tropa illustre, opprime o canto
Da lra portentoza, os luros dera;
As pallas, os trophicos do dor, são pranto.

A camara municipal manda collocar
hoje no pedestal do monumento a Bocage
vossos com flores naturaes. Ainda
hum que a veteação setubalense não olvidou
a data que festejamos.

A alguns cavalheiros que nos enviam
originaes pedimos desculpa de não
os publicarmos. Uns vieram tarde, outros
necessariamente emendados.

Para isso nos escusamos o tempo.

Aos nossos assignantes

Por excepção, plenamente justificada pela data que pretendemos commemorar, sem hoje o Elmano ao domingo. Em consequencia, porém, d'um lapso, deixamos de prezios d'isto os nossos prezados assignantes, do que pedimos desculpa.